

Enid Blyton[®]

Os **CINCO**

E OS CONTRABANDISTAS

OFICINA
DO LIVRO

ÍNDICE

1. De volta ao Casal Kirrin	11
2. Um choque a meio da noite	21
3. O tio Alberto tem uma ideia	31
4. O Monte dos Contrabandistas	41
5. Lenoir, o <i>Mascarrado</i>	49
6. O padrasto e a mãe do <i>Mascarrado</i>	57
7. O poço secreto	67
8. Um belo passeio	77
9. Quem estará na torre?	87
10. O <i>Tim</i> faz barulho	97
11. Preocupações para a Zé	107
12. Uma surpresa para o Block	117
13. Pobre Zé!	127
14. Mais suspeitas	137
15. Passam-se coisas estranhas	145
16. Na manhã seguinte	155
17. Cada vez mais intrigante	165
18. Descobertas curiosas	173
19. Fala o Sr. Barling	183
20. Salvos pelo <i>Tim</i>	193
21. Pelo meio da colina	203
22. Tudo está bem quando acaba bem	211

1. DE VOLTA AO CASAL KIRRIN

Um belo dia, no princípio das férias da Páscoa, quatro crianças e um cão viajavam juntos de comboio.

— Não tarda, estamos lá — disse o Júlio, um rapaz alto e forte, com uma expressão decidida.

— ão-ão — respondeu o cão *Tim*, cuja excitação crescia a olhos vistos, ao ponto de também tentar espreitar pela janela.

— Sai daí, *Tim* — ordenou o Júlio. — Deixa a Ana ver!

A Ana, a irmã mais nova, pôs a cabeça de fora.

— Estamos quase a chegar ao apeadeiro de Kirrin! Espero que a tia Clara esteja lá à nossa espera!

— Claro que está! — disse a prima Maria José.

A Maria José mais parecia um rapaz do que uma rapariga, porque tinha o cabelo muito curto, com tendência para encaracolar, e uma expressão tão determinada como a do Júlio. Não teve problemas em dar um empurrão à Ana, para que também olhasse pela janela.

— É bom voltar para casa. Adoro a escola, mas vai ser tão divertido estar de novo no Casal Kirrin e, quem sabe, dar um saltinho à ilha de Kirrin para visitar o castelo! Não vamos lá desde o verão passado.

— Agora é a vez do David — avisou o Júlio, virando-se para o irmão mais novo, um rapaz com um ar simpático, sentado a um canto a ler. — Já quase se vê Kirrin, David. Não podes parar de ler por um minuto?

— O livro é mesmo espetacular — disse o David, fechando-o com um baque. — É a melhor história de aventuras que já li!

— Aposto que não se compara às *nossas* aventuras — retorquiu imediatamente a Ana.

De facto, os cinco (nunca se esqueciam de incluir o *Tim*, com quem partilhavam tudo) já tinham vivido uma série de aventuras fantásticas. Mas agora tudo indicava que iam a caminho de umas férias calmas, cheias de longos passeios pela falésia e, quem sabe, umas saídas no barco da Zé, rumo à ilha de Kirrin.

— Estudei que me fartei neste período — comentou o Júlio. — Estou mesmo a precisar de férias.

— Estás mais magro e tudo! — observou a Maria José, a quem ninguém tratava pelo nome; só respondia se lhe chamassem apenas Zé. O Júlio sorriu.

— Bem, vais ver que daqui a uns dias já estou bem mais gordinho, não te preocupes! A tia Clara encarrega-se disso. Não há melhor do que ela para recuperar o peso! Vai ser bom rever a tua mãe, Zé. Gosto mesmo dela!

— Eu também. Só espero que o pai esteja bem-disposto nestas férias. Tem mais é que estar, porque a mãe disse-me que ele terminou há pouco tempo umas experiências que lhe correram muito bem.

O pai da Zé era cientista, sempre a trabalhar em ideias novas. Gostava de estar em sossego, e, às vezes, quando sentia que não tinha a paz de que necessitava, ou as coisas não se passavam exatamente como desejava, perdia a cabeça. Havia, aliás, quem dissesse que a Zé herdara o pavio curto do pai, porque não era raro explodir quando as coisas não lhe corriam pelo melhor.

A tia Clara lá estava, à espera deles. As quatro crianças saltaram para fora da carruagem e correram para lhe dar um abraço. A Zé foi a primeira a chegar — gostava tanto da mãe, sempre bondosa e afável! O *Tim* saltava à volta dela, a ladrar, muito contente. Também adorava a mãe da Zé.

Ela fez-lhe festas, e em resposta ia recebendo uma lambidela na cara.

— O *Tim* está enorme! — disse, a rir-se. — Para baixo, doido! Ainda me atiras ao chão!

O *Tim* era, de facto, um canzarrão. As crianças gostavam muito dele, porque era leal, meigo e fiel. Os seus olhitos castanhos saltitavam entre os seus quatro amigos, tomando parte do entusiasmo geral... O *Tim* partilhava tudo o que faziam ou sentiam! Mas a pessoa que mais amava no mundo era, claro está, a Zé. Estava com ela desde que era cachorrinho, e ela até o levava para a escola,

porque a Zé e a Ana andavam num colégio interno que admitia animais de estimação. Se assim não fosse, era mais do que certo que a Zé se teria recusado a ir para lá!

Partiram para Kirrin, a bordo da charrete puxada por um pônei. Estava muito frio e o vento soprava com força. As crianças estremeceram e abotoaram os casacos.

— Está tanto frio! — queixou-se a Ana, a bater os dentes. — Ainda mais do que no inverno!

— É por causa do vento — explicou a tia, aconchegando-a com uma manta. — Nos últimos dias, tem soprado com uma força incrível. Os pescadores até puxaram os barcos para a parte de cima da praia, porque temem que venha aí uma tempestade das grandes.

Quando passaram pela praia, onde já tinham nadado tantas vezes, as crianças viram os barcos no topo do areal. Mas, naquele momento, o mar estava tudo menos convidativo — ficaram cheios de arrepios só de pensar em lá entrar! O vento rugia, o céu estava carregado de nuvens pesadas, arrastadas pelo vento, e as ondas batiam na areia, fazendo um barulho terrível. O *Tim* ficou muito agitado e desatou a ladrar.

— Está calado, *Tim* — pediu a Zé, fazendo-lhe festas. — Tens de aprender a ser um cãozinho muito sossegado, agora que estamos em casa, senão o pai zanga-se contigo. O pai anda cheio de trabalho, mãe?

— Sim, muito mesmo. Mas vai abrandar, agora que vocês estão cá. Disse-me que gostava de ir passear convosco, ou sair no barco, se o tempo melhorasse.

As crianças olharam umas para as outras. O tio Alberto não era propriamente a melhor companhia do mundo. Não tinha sentido de humor e nunca percebia o porquê dos ataques de riso que as crianças tinham... umas vinte vezes por dia.

— Está-me cá a parecer que estas férias vão ser uma seca... Se o tio Alberto passar a vida a colar-se a nós, estamos tramados — disse o David ao Júlio, em voz baixa.

— Chiu! — avisou o irmão, temendo que a tia Clara escutasse e ficasse magoada.

A Zé franziu o sobrolho.

— Ó mãe! O pai vai aborrecer-se de morte se andar connosco de um lado para o outro... e nós também!

A Zé dizia sempre o que sentia, e não havia maneira de aprender a ter tento na língua. A mãe suspirou.

— Não digas essas coisas, Zé. Acho que o teu pai se vai fartar depressa, mas só lhe faz bem ter gente nova por perto.

— Cá está ele... querido Casal Kirrin! — exclamou o Júlio, mal a charrete parou em frente a uma casa muito antiga. — Ouça só a fúria do vento aqui à volta, tia Clara!

— Sim. Ontem à noite fez uma chinfrineira terrível! Júlio, fazes o favor de levar a charrete para as traseiras, depois de descarregarmos tudo? Aí vem o vosso tio para dar uma ajuda!

O tio Alberto aproximou-se — era um homem alto e bem-parecido, cujas sobrancelhas pareciam estar sempre franzidas. Sorriu às crianças e deu um beijinho à Zé e à Ana.

— Bem-vindos ao Casal Kirrin! Ainda bem que os teus pais foram de viagem, Ana... Assim temo-vos cá outra vez!

Não tardou a que estivessem todos sentados à mesa, diante de um lanche gigantesco. A tia Clara preparava-lhes sempre um banquete no dia em que chegavam, porque sabia bem que a longa viagem de comboio os deixava esfomeados. Até a Zé acabou por ficar saciada. Recostou-se na cadeira, desejando conseguir comer pelo menos mais um dos deliciosos bolinhos caseiros da mãe. O *Tim* estava sentado ao lado da dona. Embora não devesse ser alimentado durante as refeições, havia uma quantidade surpreendente de migalhas que ia sempre ter com ele debaixo da mesa!

O vento continuava a rugir lá fora. As janelas estremeciam, as portas rangiam e os tapetes ondulavam quando passava uma corrente de ar.

— Até parece que há cobras a serpentear por baixo! — comentou a Ana.

O *Tim* olhava para tudo aquilo e rosnava — era um cão muito inteligente, mas não conseguia perceber porque é que os tapetes dançavam de um modo tão estranho.

— Espero que o vento abrande hoje à noite — desejou a tia Clara. — Ontem não me deixou dormir. Júlio, estás com um ar um bocadinho escanzelado! Tens andado a trabalhar demais? Vamos ter de tratar de ti!

As crianças riram-se.

— Já sabíamos que ia dizer isso, mãe! — troçou a Zé. — Oh, o que foi isto?

Ficaram quietos, à escuta. Ouviu-se o ruído de algo a cair do telhado, e o *Tim* eriçou as orelhas e ladrou furiosamente.

— Lá se vai mais uma telha — explicou o tio Alberto. — Que chatice! Quando a tempestade amainar, temos de mandar arranjar as telhas soltas, Clara. Por este andar, ainda nos chove dentro de casa.

As crianças ficaram à espera de que o tio regressasse ao escritório logo a seguir ao lanche, como era costume, mas desta vez ele não arredou pé. Apetecia-lhes jogar a qualquer coisa, mas não valia a pena, com o tio ali — era uma lástima em tudo, até num jogo tão simples como o jogo do burro.

— Conhecem um rapaz chamado Pierre Lenoir? — perguntou de repente o tio Alberto, tirando uma carta do bolso. — Acho que anda na escola do David e do Júlio.

— Ah, o tio está a falar do *Mascarrado*! — disse o Júlio. — É da turma do David. Não bate bem da bola.

— *Mascarrado*! — exclamou o tio Alberto. — Porque é que lhe chamam tal coisa? Que nome mais absurdo!

— Se o visse, não estranhava, tio — respondeu o David, com uma gargalhada. — Tem o cabelo preto como fuligem, olhos que mais parecem dois pedaços de cinza e umas sobrancelhas que podiam ter sido desenhadas a carvão! E *Le-noir* quer dizer «o preto», em francês, não é?

— Sim, é verdade. Mas que raio de nome para dar a alguém... *Mascarrado*! — comentou o tio Alberto. — Bem, tenho trocado imensa correspondência com o pai do

rapaz. Partilhamos os mesmos interesses científicos. Aliás, convidei-o para vir cá passar uns dias e disse-lhe que trouxesse o miúdo, o Pierre.

— A sério? — exclamou o David, com uma expressão de agrado. — Vai ser divertido ter cá o *Mascarrado*, tio. Nunca faz o que lhe mandam, trepa como um macaco e às vezes é mesmo descarado! Não sei se irá gostar muito dele...

Depois de ouvir a descrição do David, o tio Alberto pareceu arrepende-se de ter feito o convite. Não gostava de rapazes descarados. Nem de miúdos desvairados.

— Humm... — resmungou, guardando a carta. — Tomara que vos tivesse perguntado como era o rapaz antes de sugerir que o pai o trouxesse. Mas talvez ainda vá a tempo de evitar que ele venha...

— Não faça isso, pai! — pediu a Zé, a quem a descrição do *Mascarrado* Lenoir agradara deveras. — Deixe-o vir! Pode vir sair connosco, para animar o ambiente!

— Veremos... — respondeu o pai, que já tomara a decisão de fazer tudo ao seu alcance para não receber em casa um rapaz que era tresloucado, trepava por todo lado e ainda por cima tinha a mania de ser atrevido; a Zé já lhe dava pano para mangas, mesmo sem ter um rapazola endiabrado a puxar por ela!

Por volta das oito da noite, para grande alívio das crianças, o tio Alberto levantou-se e foi ler sozinho. A tia Clara olhou para o relógio.

— São horas de a Ana ir para a cama. E tu também, Zé.

— Deixe-nos só fazer um jogo de cartas, mãe! Vá lá... E venha jogar connosco! É a nossa primeira noite em casa. Além disso, vou demorar imenso tempo a adormecer, com esta ventania infernal. Por favor, mãe! Só um joguinho, e depois vamos todos dormir! O Júlio está farto de bocejar!

